

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Aguadeiro”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 279-280. ISBN: 972-774-133-9.

## **Aguadeiro.**

Grupo: Outros.

Variantes: açacal, açaqual, agoadeyro, agoadeiro, aguadeira, aguadejro, auguadeiro, moço aguadeiro.

Em meio urbano, o *aguadeiro* era um vendedor de água. *Açacal*, palavra de origem árabe (*as-saqqa*) significa carregador de água; no século XVI tinha a grafia *açaqual* (Viterbo, 1798). Com o seu burro carregado de cântaros distribuía água potável pelas casas, onde era mantida fresca em grandes bilhas de barro. Em muitas localidades esta tarefa também era desempenhada por mulheres (as *aguadeiras*), nalguns casos como forma de complementar os poucos recursos conseguidos noutras actividades.

Nas Cortes de Évora de 1408 os povos queixam-se ao rei que muitos mancebos pobres, necessários para lavrar, e servir, compravam um asno e uma grade e quatro cântaros e tornavam-se *açaquaes*, não devendo servir nesta profissão senão velhos de oitenta anos. Mandou então *el-rei* que os mancebos fossem lavrar e não fossem *açaquaes* senão homens de 16 anos a fundo, e velhos de 50 para cima. *Açacal* é o termo encontrado no século XVI (Viterbo, 1798), com a grafia *Açaqual*, palavra de origem árabe (*as-saqqa*), que significa carregador de água.

O aguadeiro está presente nos Livros de Décimas de Avis e Montemor-o-Novo desde 1690 com as seguintes grafias: *Agoadeyro* / *Agoadeiro* / *Auguadeiro*. Encontra-se também nos Registos Paroquiais (1732, grafia *Aguadejro*), nos Recenseamentos Eleitorais (1870-1941) e nos Livros de Doentes do Hospital da Misericórdia de Avis (1860-1940). Nestas fontes o aguadeiro aparece no seu significado de vendedor ambulante, até à introdução de água canalizada em grande parte das habitações.

No entanto, esta categoria tem outro significado nos ranchos de trabalhadores rurais, sobretudo na altura das ceifas. Um dos trabalhadores desempenhava a função, durante os trabalhos, de distribuir água pelos restantes. Como trabalhador indiferenciado que era não consta das fontes escritas, mas é frequentemente referido pelas fontes orais e

literárias. Na obra de recolha etnográfica *O voo do arado*, vem referido o “Moço aguadeiro”.

Alves Redol, no seu romance *Gaibéus*, escrito em 1939, descreve a urgência dos trabalhadores em beber água, sob o calor escaldante do Verão ribatejano. A necessidade de água é descrita de tal forma que todos os sentidos do leitor ficam despertos para o sofrimento dos ceifeiros, culminando com a frase: “o ar não se respira, mastiga-se”! esta situação era agravado pelo facto do capataz controlar o horário de acesso à água, o que criava situações de grande tensão.

Também Fernando Namora nos dá uma imagem destes trabalhos, neste caso com a figura da *Aguadeira*: “Os homens foram procurando mais vezes a água mole e salobra da aguadeira, talvez também para se acoitarem durante uns segundos na sombra rala dos azinhos” (*O Trigo e o Joio*, 1954).